

# A hereditariedade para Manoel Bomfim

Stéfany Sidô Ventura\*

## Heredity for Manoel Bomfim

### Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir o conceito de hereditariedade em Manoel Bomfim. Para tal, a argumentação se centrará em duas obras como fonte: *O Brasil e América Latina Males de Origem*. A proposta é demonstrar a articulação deste conceito (hereditariedade) com o *corpus* teórico-conceitual de época, localizado na segunda metade do século XIX. Desta forma, a hipótese levantada nesta pesquisa é de o conceito de hereditariedade, como apresentado por Manoel Bomfim, é capaz operacionalizar e articular as teorias/conceitos de ciência, progresso, evolução, raça e mestiçagem, na tentativa de produzir uma compreensão sobre a nação e povo brasileiro.

**Palavras-chave:** História, Hereditariedade, Brasil.

### Abstract

This article intends to discuss the concept of heredity in Manoel Bomfim. For that, the argument will focus on two books as source: *O Brasil and America Latina Males de Origem*. The proposal is to demonstrate the articulation of this concept (heredity) with the theoretical-conceptual corpus of the time, located in the second half of the nineteenth century. Thus, the hypothesis raised in this research is that the concept of heredity, as presented by Manoel Bomfim, is able to operationalize and articulate theories / concepts of science, progress, evolution, race and mestizaje in an attempt to produce understanding about the nation and Brazilian people.

**Key words:** History, Heredity, Brazil.



\* Possui graduação em Abi - Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutoranda em História pela UFMG. Tem experiência na área de pesquisa do pensamento político e social brasileiro, com ênfase na temática da mestiçagem. E-mail: stefanysido@gmail.com

## Introdução

Para compreender a concepção de hereditariedade em Manoel Bomfim, é preciso estar a par da existência de um corpus teórico-conceitual de época. A partir da segunda metade do século XIX, estendendo-se às décadas iniciais do século XX, há uma produção intelectual, voltada em compreender o Brasil através da “Ciência Histórica”. Este modelo de construção de conhecimento articulava ciências naturais e sociais a fim de construir teorias que fossem eficazes para compreensão do povo e da nação brasileira. Nomes como, Nina Rodrigues, Alberto Torres, Oliveira Vianna, entre tantos outros, são exemplos de intelectuais consonantes com estilo de pensamento de época. Centrados em analisar, interpretar e entender a realidade nacional, estudiosos e letrados buscavam construir uma história nacional capaz de organizar e dar sentido à realidade do país.

Para tanto, o que se percebe é a produção de uma narrativa histórica que converge e articula conceitos formulando um corpus teórico-conceitual de época. Progresso, civilização, evolução, raça e mestiçagem, são termos fundamentais do arcabouço teórico, que se preocupa em compreender a formação e viação da nação brasileira. Este conjunto de conceitos e teorias, (ainda que longe de ser hegemônico ou reduzido a estes termos), dá o tom das discussões intelectuais a partir da segunda metade do século XIX. Esses não são apenas termos privilegiados, mas conceitos específicos, ordenadores de sentido, imperativos da ciência, que colaboraram para compreender e refletir sobre as mais variadas facetas da condição humana.

Partindo do pressuposto da existência deste corpus, a proposta desta pesquisa é analisar como a utilização e articulação das ideias/conceitos de progresso, civilização, evolução, raça e mestiçagem, impactam e ajudam a conformar, em Manoel Bomfim, seu conceito de hereditariedade. Visando operacionalizar esta investigação, tomo como fonte as obras “O Brasil”<sup>1</sup> e “América Latina Males de Origem”<sup>2</sup>.

## Manoel Bomfim e a sociedade brasileira

Manoel Bomfim (1868-1932) foi um médico, psicólogo e pedagogo brasileiro. Ele se centrava na tese da sociedade humana como um organismo e, em sua análise do caso brasileiro, concluiu que o país sofria o fenômeno do parasitismo social. Segundo o autor, os povos ibéricos sofreram um

1 BOMFIM, Manoel. *O Brasil*. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional. 1940.

2 BOMFIM, Manoel. *A América Latina males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks. 1993.



processo degenerativo na linha da evolução e a atrofia de alguns órgãos produziu disfunções por falta de uso. Para Bomfim <sup>3</sup> o parasitismo português sobre o Brasil seria fator chave para entender as condições econômicas e sociais conformadas.

Para Bomfim<sup>4</sup> a raiz do parasitismo português estaria nas atividades econômicas desenvolvidas na guerra contra os mouros e na exploração da mão de obra escrava, isto é:

[...] assim nos organismos biológicos, como nos organismos sociais. Um animal inferior é um saco; no interior deste saco – constituído por um tecido quase homogêneo, cumprem-se todas as funções – digestão, respiração, circulação; e o saco que se contrai e desloca o animal; não há órgãos diferenciados, nem funções especiais, nem trabalho particularizado, em grupos diversos de tecidos. Um animal superior é um conjunto de órgãos perfeitamente diferenciados, adstritos a funções especializadas, divididas e subdivididas; a digestão, que ali se fazia em comum com todas as outras funções vitais, aqui se multiplica em funções especiais, executadas por uma série de órgãos – dentes, língua, faringe, esôfago, estômago, glândulas várias, tubo digestivo, etc. – órgãos que dividem entre si o trabalho, e são constituídos por elementos diversos<sup>5</sup>.

O autor constata um declínio da sociedade ibérica. Para explicar este fenômeno Bomfim discorre sobre a degenerescência e disfunção dos órgãos, especializações e o dismantelamento de sua divisão do trabalho da sociedade ibérica, a partir do “parasitismo social”<sup>6</sup>. Em sociedades adiantadas há uma diferenciação das funções especializadas, da mesma forma que ocorre com os organismos biológicos.

As atividades são (sub)divididas, complexificando as relações e as atividades da vida social. Em sociedades primitivas, inferiores, os indivíduos compartilham as mesmas condições, todos realizam um número restrito de funções. Assim, se a “marcha do progresso e da evolução” acontece da mesma forma em organismos biológicos e sociais, a condição de “para-

3 BOMFIM, Manoel. *Ibdem*.

4 BOMFIM, Manoel. *Ibdem*.

5 BOMFIM, 1993, p.59

6 A ideia de “parasitismo social”, não é original e exclusiva do pensamento de Manoel Bomfim. Dentro da obra *A América Latina males de origem*, o autor faz referência ao crítico das teorias de hierarquização racial Max-Nordau para apontar que o legítimo fenômeno da degenerescência tem por um de seus motivadores o crime do parasitismo humano. Citando Schaeffle (*apud* Bomfim, 1993) indica que a vida parasitaria produz compensações que podem levar ao excesso de devassidão e bebida.

sitação” é o indicativo da degradação do sistema complexo de divisão do trabalho.

Os órgãos já não trabalham pelo esforço contínuo de desenvolvimento e perdem o hábito de lutar contra a natureza, dada à falta de estímulo contínuo. O progresso “é o resultado da luta do homem com a natureza, para tirar dela o que é preciso à vida, e para evitar as suas inclemências. Para isto, ele vai apurando a inteligência, inventando recursos, adotando tudo que lhe parece facilitar essa conquista necessária”<sup>7</sup>

Dessa forma, a vida parasitária (exploração do trabalho alheio, iniquidades, cobiça e extorsões) de ibéricos sobre outras sociedades lhes impede de apurar os sentimentos de justiça, moralidade, equidade e os valores altruísticos e dos laços solidariedade. O que se tem é a inevitável criação de uma cultura de egoísmos e perversidades, distanciada do progresso moral.

A colonização e o parasitismo predatório eliminou “impérios adiantados, populosos e de civilizações vivazes”<sup>8</sup> na América Latina, levando o ouro e a prata prodigiosamente e deixando tribos selvagens apavoradas e desmoralizadas. Bomfim<sup>9</sup> afirma que enquanto havia riquezas naturais, os ibéricos foram guerreiros, conquistadores e depredadores, entretanto, esgotando-as o que se instala é a condição sedentária e parasitária. O regime parasitário produziu no caráter dos países da América Latina<sup>10</sup> (mesmo depois de emancipados) uma influência natural de vícios – enfraquecimento e a violência nas relações - gerados e impostos pela forma de organização colonial.



7 BOMFIM, 1993, p. 167

8 Como indica Bomfim: “O mais sensível e lastimável é a perda de milhões de indivíduos – homens aptos, dos mais aptos entre os nativos da América; homens que não eram mais o selvagem descuidoso, sem educação social, sem hábitos de trabalho, vivendo miseravelmente dos recursos naturais da selva e dos rios. Não; eram homens cujo esforço inteligente havia produzido e acumulado riquezas e monumentos, capazes de desvairar os invasores famintos. A conservação de tais indivíduos, ou melhor, a conservação de tais povos e civilizações, respeitados os seus direitos naturais, permitindo-lhes a desenvolver-se segundo seu gênio e caráter, aproveitando-se o concurso, a iniciativa, a inteligência dos adventícios – isto teria trazido à vida econômica das novas sociedades, saídas da fusão e assimilação de uns e de outros, elementos preciosos de *progresso* e estabilidade. Com as populações exterminadas, desapareceu tudo que elas sabiam sobre as coisas deste continente, toda a sua experiência, tudo, enfim, que representava uma perfeita adaptação à natureza americana. E as que não foram destruídas – ameaçadas, escravizadas, cheias de ódios, fugiram para as brenhas, e converteram-se logo em elemento perturbador da vida econômica da colônia, praticando depredações, provocando lutas, exercendo represálias, em que se consumiram inutilmente vidas e energias. (BOMFIM, 1993, p.129)

9 BOMFIM, Manoel. *A América Latina males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks. 1993.

10 Os demais povos da América do Sul sofreram, perturbações nas condições da formação de suas nacionalidades bastante similares ao Brasil. O autor afirma que se advém de antecedentes comuns, os sintomas serão naturalmente os mesmos. Isto porque, as nações colonizadoras, Portugal e Espanha, apresentavam em sua “vida” e “caráter” uma configuração geral de atraso. Esses povos que já estiveram na vanguarda do progresso e foram expoentes da *civilização*, caminham a desorientação, fraqueza e irritação constante (BOMFIM, 1993, p.54).

As influências das metrópoles no organismo das colônias se manifestam em todas as esferas da vida coletiva: econômica, social, política e moral. Assim, os efeitos secundários da parasitação provocam defeitos, anomalias e perversões na constituição e desenvolvimento das sociedades. O regime parasitário introduziu a escravidão negra e como consequência desenvolvimento político e econômico foram turbados pelas imposições de um regime antagônico, opressivo, corrupto e retardatário avesso ao processo evolutivo natural das sociedades. Logo, o parasitismo é o inimigo do progresso.

Além disso, o autor afirma que para levar as sociedades latino-americanas ao progresso é necessário estabelecer uma luta sistemática, consciente e direta contra o passado e deixar despontar apenas a solidariedade afetiva, os sentimentos de hombridade e independência nacional, que são característicos do povo. Este seria, então, o meio de diminuir a distância das nações da América Latina e as realmente progressistas e cultas.

Sendo assim, fatores como a relação de governantes e governados, o aparelho do estado, a massa de colonizadores seguindo os móveis de conduta do enriquecimento e da cobiça, a falta de homogeneidade, a dificuldade de sustentar o nacionalismo e o patriotismo, a tradição parasitária além de hábitos e costumes anacrônicos com a realidade, são elementos que causam profundas perturbações no progresso político, social e geral da sociedade brasileira.

A plasticidade intelectual e o grande poder de assimilação, presentes nos portugueses e passados ao povo brasileiro, são qualidades preciosas para o progresso. Isto porque, o parasitismo ainda que social não causa modificações orgânicas, os efeitos causados por ele são de ordem moral, logo, podem ser corrigidos com a reeducação social. A queda da tradição parasitária e a crítica ao regime apontam para a entrada no progresso.

A ideia de progressão, para Manoel Bomfim, é a capacidade de “raças rudimentares e maleáveis”, a partir da permeabilidade social e moral com sociedades “já caracterizadas e fixas” renovarem-se e atingirem o progresso mais rapidamente que nações velhas (menos adaptáveis e variáveis). Outra forma de atingir o progresso moral e social, para o autor é através da busca constante do desenvolvimento dos sentimentos altruístas, da solidariedade, harmonia e unificação da espécie humana que conformam os elementos de valor superior do homem.

Assim, como ocorre nos organismos biológicos, a sociedade humana, regida por leis sociais, também haveria progredir gradativamente (movimento de progresso normal das populações). Sua apuração e melhoria constantes demonstram a necessidade de se adaptar e vencer as condições da natureza. Entretanto, Bomfim<sup>11</sup> afirma que não há uma “corrente

11 BOMFIM, Manoel. *A América Latina males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

fatal” que destine ao progresso. Os recursos científicos, a iluminação da crítica e do saber, a busca constante pela fraternidade e da felicidade são os passos para a marcha do progresso e da evolução.

Bomfim também produz um diálogo crítico com os conceitos darwinismo social a fim de demonstrar que a dominação e subjugação dos povos não era um fator de ordem natural, portanto, não poderia ser uma justificativa para a exploração do trabalho e nem da extinção dos considerados inferiores. O autor vale-se da obra de Darwin para discordar das inatas desigualdades e hierarquizações das raças humanas, desse modo, indica que o progresso humano seria por meio da constituição de um sentimento altruísta e de solidariedade capacitador das relações de cooperação.

Em suas estreitas ligações com a metáfora das ciências biológicas, Bomfim entende a sociedade em condições orgânicas, busca analisar a formulação da nacionalidade como um fator em composição num sentido evolutivo e progressivo. Aguiar<sup>12</sup> pontua que Manoel Bomfim não só toma emprestadas as metáforas biológicas para explicação da experiência histórica brasileira, mas de fato, também se vale de um aporte biológico como instrumento de interpretação da vida social. O preceito de ordem científica é adotado, ainda que com infinitas variantes, pela intelectualidade da época como um discurso de autoridade, o que é ratificado por meio da percepção do mundo natural, poderia ser transportado em alguma medida para o mundo social.

Para concluir, destes fatos, que o cruzamento de raças humanas diferente deva, forçosamente, provocar o aparecimento das qualidades morais grosseiras dos antepassados longínquos da espécie, será preciso que se verifique, pelo menos o aparecimento simultâneo dos caracteres ancestrais de ordem morfológica - e tal não se dá. Não se vê, nos mestiços, nenhum traço fisionômico especial, novo, nenhuma modificação orgânica particular, que possa ser considerada como uma regressão ancestral. Como, então, admitir que deva haver forçosamente uma regressão moral e intelectual - quando, no entanto, o cruzamento se faz, não entre espécies diferentes, mas entre raças diversas, e quando, mesmo no caso dos animais (onde há esta regressão física) não existe regressão intelectual?<sup>13</sup>

Manoel Bomfim define a evolução humana como o “progresso do espírito, a cultura da inteligência para conhecer, a cultura do sentimento

12 AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: Tempo vida e obra de Manoel Bomfim*. Topbooks. 2000.

13 BOMFIM, 1996, p. 206.

para amar”<sup>14</sup>. O autor afirma que a nacionalidade é fruto de uma evolução: a confluência de fatores históricos, de tempo e lugar. Portanto, a análise dos antecedentes mostra as forças formadoras do presente, combinando as ações do passado e as condições do meio.

Sendo assim, são as múltiplas variações e combinações destes elementos (naturais e sociais) que constituem a mola que impulsiona a evolução. A evolução está sempre ligada a uma leitura do passado para o encontro com o futuro. Desse modo, o retardo ou a suspensão da marcha necessária para a evolução humana não traz consequências graves à vida orgânica e social da sociedade. Por isso, aqueles que se dispõem a dirigi-la e a guiá-la política e socialmente devem ter por objetivo facilitar o trajeto e procurar o caminho que melhor satisfaça os anseios da evolução.

Manoel Bomfim indica a impossibilidade de suspender a evolução. Entretanto, quando as sociedades só satisfazem os ímpetus egoísticos e se obstinam em não progredir, a marcha da evolução se retarda. O autor mostra que, ao instituírem as colônias nas Américas, os países ibéricos ainda não haviam completado seu quadro de evolução e progresso, a vida parasitária conferiu a eles um processo degenerativo e degradativo, ou seja, um regresso social.

A respeito do futuro da humanidade, Bomfim indica que felizmente a civilização e o progresso encontram na evolução redentora a prosperidade econômica e material por meio do apuro da cultura intelectual. De forma geral, a constante, vital e lenta evolução dos seres sociais, assim como nos biológicos, segue leis gerais que apontam o caminho da evolução mental, social e moral até o mais alto grau evolucionário e se complete.

De acordo com Bomfim<sup>15</sup>, a primeira condição para se conquistar a civilização é conhecê-la, entender os recursos disponíveis, as necessidades que se impõem no tempo e no espaço. Assim, o papel do homem na civilização é o de lutar e conquistar a natureza, impor a evolução a “melhor marcha para a conquista de um ideal”. Portanto, o resultado final da civilização deve ser extirpar as dores dos conflitos entre indivíduos, conquistar o progresso social, a felicidade e a harmonia pela cooperação.

A civilização atual tem como pressuposto a liberdade, já que o homem não deve ser um “entrecruzamento de vontades arbitrarias” dentro de seu meio social. Sua ação deve ser baseada numa perfeita inteligência dentro de um regime de liberdade que o permita seguir leis definidas. Manoel Bomfim<sup>16</sup> mostra que para se alcançar a civilização e o bem geral é preciso lutar pelo progresso social e pelo progresso moral da nação a

14 BOMFIM, 1993, p. 240

15 BOMFIM, Manoel. *A América Latina males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks. 1993.

16 BOMFIM, Manoel. *Ibidem*.

fim de afastar as influências contraditórias a ele, injustiças e privilégios. Nesse sentido, o autor ressalta o desejo de justiça e progresso para subir à civilização.

Ademais, Bomfim<sup>17</sup> afirma que no estado em que se encontravam os povos da América Latina, mal podem ser chamados de civilizados. As nações novas só conseguiam progredir um décimo do que é necessário para alcançar e gozar dos mesmos benefícios das nações civilizadas. O efeito deste retardamento, que impedia o Brasil de alcançar o estado da civilização moderna, é a infelicidade pelas condições de inferioridade.

Essas perturbações causadas pela parasitação também tiveram consequências para a civilização ibérica. Nesse passo, Bomfim pontua que as sociedades, após um período de progresso atingindo o estado de civilização superior, degeneram e caem. Isto porque a condição parasitária é antagonista ao próprio progresso da civilização, assim o que se tem é o extermínio de grandes civilizações.

Nas duas obras trabalhadas, Bomfim afirma que há provas da capacidade indígena de atingir uma civilização superior. Segundo o autor, há demonstrações categóricas na história, da perfectibilidade social destes povos. Os impérios que se encontravam na América Latina (Inca e Asteca), cujo estado de civilização era superior ao da Europa central no século IV e V, era obra exclusivamente das raças indígenas.

Nesse sentido, não se pode contestar a capacidade destes povos de sair do estado de selvageria primitiva e chegar ao grau de organização, cultura e civilização que orgulharia os europeus. O autor vale-se das leis de evolução social para afirmar que as dificuldades de vencer a selvageria primitiva e formar uma sociedade disciplinada e organizada é muito maior que levar a cultura moral e intelectual (que possuem as sociedades da Europa) ao indígena. Portanto, não se pode dizer que o indígena é um elemento refratário da civilização.

A conservação de tais civilizações e a permissão de seu desenvolvimento natural (em gênio e em caráter) teriam consequências valorosas: uma vida econômica baseada na assimilação e na fusão, conduzindo ao progresso e à estabilidade. Entretanto, instituída a sociedade de exploração e o regime escravocrata uma massa de sujeitos desmoralizados, contaminada por vícios e defeitos, vivia à margem da civilização que foi reduzida a uma vida rudimentar e primitiva, vivendo em permanente estado de instabilidade e irritação.

Manoel Bomfim, nas duas obras supracitadas, discorre sobre a existência de uma noção de civilização perniciosa. A Europa julgou, sem conhecimento, a situação e a condição política e social da América Latina,



17 BOMFIM, Manoel. *O Brasil*. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional. 1940.

produzindo um juízo universal condenatório. Essa conformação da opinião europeia desmoralizou e desestimulou a busca por melhorias políticas, econômicas e sociais. A implacável sentença da “incivilização” foi, para os americanos, fontes de dores e sofrimento. O desprezo do mundo civilizado pelas populações americanas fundamentava-se em uma “sociologia da cobiça” onde essas sociedades eram julgadas como incapazes, inferiores e refratárias ao progresso.

Segundo o autor, não se pode considerar um ignorante, vivendo fora do mundo civilizado em primitiva animalidade, como resistente à civilização. A falta de trabalho do espírito, de aspiração superior e de conforto não lhe permitiam sequer cobiçar a civilização. Entretanto, se for aberta a consciência e a inteligência e cercá-lo por estímulos será aberto o caminho da atividade espontânea, fecundaria em desejos de progresso e civilização.

Assim, seria preciso saber o estado da população para instruir e educar a sociedade, a fim de que se chegue ao nível da civilização atual. Quando preparados e esclarecidos, os homens são instrumentos de transformação. Em tal esforço, é preciso combater os males de origem que se impõem ao progresso. Somente dessa forma seria possível vigorar uma América Latina, no movimento do progresso, livre e moderna.

Manoel Bomfim<sup>18</sup> é austero para lidar com a questão da inferioridade racial do indígena e do negro. Ele contesta a premissa da incapacidade de organização e progresso social dos negros, afirmando que se livres das tensões parasitárias, esses ditos “seres inferiores”, caminham rumo a uma evolução social quase perfeita e ideal. De fato, o autor discorda das leituras que afirmam as características negativas intrínseca das raças negra e indígena.

Os defeitos imperdoáveis como indolência e desinteresse, característico das raças, em verdade são a constatação da falta de aspiração e educação social. O autor mostra que os valores do trabalho, os novos desejos, e a vontade de alcançar os “gozos superiores” vêm pelo ensinamento e são conservados pelas garantias que de que estão trabalhando para si.

O autor afirma ainda que se uma raça, seja ela pura ou cruzada, produz indivíduos de grande talento no conhecimento científico, filosófico ou artístico é verdadeiro sinal que esses povos são suscetíveis ao progresso intelectual. Assim, Bomfim<sup>19</sup> mostra que a ínfima produção de gênios na América Latina nada tem a ver com defeitos ou incapacidades mentais das populações, muito antes é consequência das condições de atraso e das

18 BOMFIM, Manoel. *A América Latina males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks. 1993.

19 BOMFIM, Manoel. *A América Latina males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks. 1993.

condições de meio (seguindo os princípios da evolução uma mesma raça ou povo passa períodos de fertilidade e penúria).

Neste sentido, Manoel Bomfim busca compreender o peso dos fatores transmitidos entre as gerações. Para ele as influências hereditárias são as preponderantes e determinantes na formulação do caráter das populações, entretanto, não são as únicas a influir. Nos países latino-americanos, onde foi grande a migração de negros africanos e índios, se vê a presença destes povos na fisionomia moral e intelectual dessas novas sociedades. Porém, essas influências são pouco sensíveis. Indígenas e negros, povos ainda muito atrasados, não possuíam suficientes qualidades, vícios ou virtudes que pudessem provocar a imitação de outros povos.

A partir desta breve exploração do conteúdo central das fontes é possível perceber a complexidade da obra de Manoel Bomfim. O autor mobiliza perspectivas culturais, econômicas, políticas, sociais e científicas na tentativa de compreender os aspectos intrínsecos e singulares da população e nação brasileira. Partindo de uma regressão histórica da colonização, Bomfim produz uma síntese da condição política e social do Brasil.

Fica evidente, a partir das duas obras/fontes, que o autor se vale-se de um corpus teórico-conceitual que amarra e dá sentido às suas análises. Ciência, progresso, evolução, raça e mestiçagem são tomados como princípios/conceitos incontornáveis para a síntese da história nacional. A hereditariedade para Manoel Bomfim, seria um elemento essencial para compreender a formação da população brasileira. De forma a concatenar teorias científicas e psicológicas, o autor problematiza como o fator hereditário pode influir individual e coletivamente no imperativo da evolução e do progresso. Neste sentido, a discussão que se segue neste trabalho visa compreender em que medida o elemento hereditário seria fruto epistêmico da confluência das teorias/conceitos anteriormente citados.

### - *Entendendo a hereditariedade*

Manoel Bomfim<sup>20</sup> apresenta uma análise orgânica da formação e da condição brasileira. Para ele, a sociedade é um organismo estabelecido e regido por leis categóricas. Dessa forma, a construção dos organismos sociais depende do meio, tempo e lugar. O autor enfatiza o peso da hereditariedade psicológica e social em seus estudos. Segundo Bomfim, a hereditariedade consistiria em:

Transmissão por herança, das qualidades psicológicas, comuns e gerações, dão a cada grupo social um caráter próprio distintivo: transmissão por herança no grupo anglo-saxônico.

20 BOMFIM, Manoel. *A América Latina males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

co, das qualidades que caracterizam o tipo anglo-saxônico; perpetuação nos judeus das qualidades típicas da raça; em resumo, a hereditariedade social é a mesma psicológica.<sup>21</sup>

Para o autor, é impossível negar a vigência e a influência da herança psicológica. De acordo com Bomfim<sup>22</sup> os progenitores são os responsáveis por disseminar os caracteres psicológicos da classe, da ordem e da espécie. O caráter estaria ligado mais fortemente ao fator da hereditariedade do que da educação e da imitação. Dessa forma, entende que “se a hereditariedade existe para as qualidades que caracterizam a espécie, e para as qualidades individuais dos progenitores, não pode deixar de existir para os traços psicológicos, típicos da raça ou do grupo”.<sup>23</sup>

Assim como os animais, os humanos transmitem traços e caracteres anatômicos, morfológicos e psicológicos, suas aptidões mentais e qualidades morais. Bomfim afirma que o homem não nasce virgem de impressões, muito antes já carrega em si “bem acentuadas, as suas tendências e aptidões psíquicas.”<sup>24</sup> Todavia, seu conhecimento e inteligência são condicionados às impressões do mundo exterior, influenciadas pelos estímulos físicos e morais dados pelas condições ambientais.

As tendências, aptidões e inclinações são características herdadas, mas o caráter só se completa por meio da imitação, sugestão e da educação, moldando a tradição e a evolução social. Desse modo, molda-se o ânimo brasileiro: de inteligência pronta, compassivos e cordialmente abertos aos ideais de justiça.<sup>25</sup>

Nas obras, o autor afirma a impossibilidade de estabelecer uma população homogênea no Brasil, brancos, negros e índios caldeiam-se dando origem aos múltiplos tipos mestiços. Ou seja, a construção de um caráter nacional único e forte fica comprometida. Isso fica claro ao tratar da questão da inserção de imigrantes no Brasil, com relação à qual o autor é categórico:

Tudo isto porque a grandeza *effectiva* e humana de uma nação está no valor moral e mental dos indivíduos, e não no *numero d'elles*. Si aos nossos dirigentes houvesse chegado o reflexo das condições *reaes* a que a politica deve *attender*, *elles* teriam *comprehendido* que, no Brasil (como existe até hoje), dado o nível médio-mental, e politico das populações,

21 BOMFIM, Manoel. 1993, p. 155.

22 BOMFIM, Manoel. *A América Latina males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks. 1993.

23 BOMFIM, Manoel. 1993, p. 156.

24 BOMFIM, Manoel 1993, p. 157.

25 BOMFIM, Manoel. 1940, p.268.

não é possível a grossa e intensa *injecção* de *immigrantes*, sem que o desenvolvimento natural se desequilibre profundamente, sem que a vida geral da Nação se perturbe e que todo o *character* nacional se resista.<sup>26</sup>

Desta forma, não há uma população superiormente preparada para se impor perante o nível médio-mental, social e político de imigrantes europeus.

Para o autor, o que demarca as diferenças não é a raça, mas sim os fatores da formação histórica brasileira (a escravidão e o parasitismo social português). Os processos históricos brasileiros são influenciadores da imitação e da sugestão, que atribuem ao brasileiro menor grau de disciplina e “cultura”, se comparado aos imigrantes alemães e italianos. Nas obras trabalhadas Bomfim critica a falsa ciência, indiscriminadamente introduzida e incorporada pela elite política e intelectual, baseada nos critérios de hierarquias raciais.

No vazio da inteligência, com a grosseira das inspirações, incapazes de *correspondencia* com a realidade, prontos a explorar o que a força e a riqueza material oferecem, nossos dirigentes são *promptos*, *igualmente*, em *aceitar* quantos conceitos e juízos lhes *dêm* as suas curtas leituras, desde que se *accordem* á insuficiência de pensamento e grosseria de propósitos eu os caracterizam. Assim se explica o empenho com que *appellam* para a *immigração*, o valor que lhe dão as estultices que repetem, quanto á significação histórica do clima brasileiro, e, sobretudo, a empáfia bestial e anti-brasileira com que repetem os interesseiros, falsos e ferozes conceitos, arguidos pela falsa *sciencia*, a serviço do colonialismo, contra os fracos escravizados de *hontem*, dominados e explorados hoje, em nome de uma pretensa superioridade de *raças*.<sup>27</sup>

Sobre a teoria da inferioridade de raças, O autor afirma ser um sofisma baseado no egoísmo e hipocrisia humana. O resultado prático da aplicação dessa teoria seria a ida dos “superiores” a sociedades “inferiores” em busca de mão de obra para seu sustento. Assim, as classes dirigentes reorganizam e reestruturam sociedades para que elas entrem em conformidade com suas tradições.

As raças, segundo o autor, não possuem hierarquia orgânica ou psíquica. No Brasil, diferente de outras colônias, o processo que se deu mi-

26 BOMFIM, 1940, p. 341-342.

27 BOMFIM, 1940, p. 335-336.



nimizou dificuldades e problemas: o português, que era menos refratário à fusão, à busca do aproveitamento do trabalho indígena e o negro, associados à bondade do coração do brasileiro, produziu uma sociedade sem “prevenções da raça”.

O português<sup>28</sup>, o mais humano dos colonizadores,<sup>29</sup> ganha esse título pela larga fusão de sangue e de costumes indígenas. Dessas “felizes combinações” se tem algo original e essencial para compreender o tipo brasileiro e as “formas sociais peculiares” de sua gente. Ao analisar a influência da mestiçagem, Bomfim observa que a teoria dos efeitos regressivos dos cruzamentos não é assertiva para provar a influência negativa dos cruzamentos raciais.

Não há na história da América Latina um só fato provando que os *mestiços* houvessem degenerado de caráter, relativamente às qualidades essenciais das *raças* progenitoras. Os defeitos e virtudes que possuem vêm da herança que sobre eles pesa, da educação recebida e da adaptação às condições de vida que lhes são oferecidas.<sup>30</sup>

Contudo, não reconhece, no mestiço traços de regressão<sup>31</sup> nem caracteres de ordem ancestral, ao contrário, afirma que pode haver “a mistura de qualidades morais e intelectuais, na mestiçagem, pode dar lugar ao aparecimento de aptidões novas”.<sup>32</sup>

## Conclusão

De acordo com a perspectiva de Manoel Bomfim, a hereditariedade social (transmissão por herança de qualidades psicológicas, comuns e constantes por meio das gerações distintas dos grupos) está associada a formação do povo e, conseqüentemente à nação brasileira.

28 Em referência aos demais povos ibéricos, Bomfim afirma: “O hespanhol cruzava menos. E é por isso que nas colônias de Hespanha, mesmo depois de oito gerações se nomeava “hespanhol”. Elle não accitava, nem mesmo fazer a vida em promiscuidade com as gentes de cor, ao passo que o portuguez, com longo convívio da consta da Africa, facilmente produzia mulatos. É natural, mesmo, que essas facilidades se transmittissem aos descendentes brasileiros.” (BOMFIM, 1940, p. 13)

29 BOMFIM, Manoel. 1940, p. 09.

30 BOMFIM, 1993, p. 264.

31 Em diálogo com os estudos de Darwin, Manoel Bomfim (1993, p. 263) afirma que sua teoria teria juízo mais categórico se retirasse o foco dos “efeitos naturais” dos cruzamentos e centrasse em observar as heranças de martírio, sofrimento e desprezo, verdadeira causa da desorganização moral e social. Em outra passagem, afirma que as geniais obras de Darwin foram injustamente utilizadas para justificar injustiças e vilanias.

32 BOMFIM, 1993, p.262.

A partir da análise das duas obras vê-se, uma espécie de dualidade paradoxal na formulação do conceito. Para Manoel Bomfim a “hereditariedade” psicológica e social trazem consigo características das classes, da ordem e da espécie. Todavia, os estímulos educacionais e do meio podem provocar mudanças na tradição e assim voltar ao curso natural da evolução e progresso social.

Bomfim, muito conectado à perspectiva biológica toma como pressuposto a existência de certos caracteres “inatos”, transmitido num fluxo contínuo entre as gerações. Esses caracteres são traços psicológicos que (con)formam os indivíduos e a sociedade. Ainda que contradizendo as teorias mais pessimistas a respeito da diferenciação e da mistura entre diferentes raças, o autor reconhece haver um elemento constitutivo da alma humana. Desta forma a hereditariedade seria então, inegável.

É importante reforçar a localidade desta discussão. A partir da segunda metade do século XIX há importantes avanços nos campos de estudo da sociologia, história, filosofia, psicologia, economia, entre outros. Fazer-se intelectual neste contexto exigia mobilizar os mais diversos setores do conhecimento a fim de produzir teorias gerais que fossem explicativas do passado, diagnósticos do presente e instrutivas para o futuro.

Evolução e progresso eram ideias que andavam lado a lado, balizando os graus da civilização. Civilização pautada numa perspectiva eurocêntrica que comprimia e discriminava o outro. Manoel Bomfim, fruto de seu tempo, valeu-se dos conceitos de progresso e evolução, produziu reflexões sobre a condição mestiça da população brasileira, buscou compreender as origens do “atraso” e afirmou a influência positiva da educação. Bomfim, se apropriou do corpus teórico-conceitual de sua época para subverter a lógica do subdesenvolvimento da sociedade brasileira. Seu conceito de hereditariedade fala das infames condições impostas pela colonização parasitária como também aponta para a educação como via de transmissão de caracteres que inspirem o progresso e a evolução.

